



**Percepção do trabalhador
rural a respeito do papel
da mulher e a importância
do trabalho doméstico
dentro das estratégias de
sobrevivência familiar no
município de Uruçuca,
Região Cacaueira
da Bahia**

NATÁLIA MARIA REIS GONÇALVES DE OLIVEIRA

Boletim Técnico 140

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA
Órgão vinculado ao Ministério da Agricultura

Centro de Pesquisas do Cacau
Km 22 Rodovia Ilhéus-Itabuna
Bahia, Brasil

1986

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA – CEPLAC
Vinculada ao Ministério da Agricultura

Presidente: Iris Rezende Machado, Ministro da Agricultura

Vice-Presidente: Roberto Fendt Júnior, Diretor da CACEX

Secretário-Geral: João Carlos Monteiro de Carvalho

Secretário-Geral Adjunto: José Carlos Simões Peixoto

Frederico Monteiro Álvares-Afonso

Coordenador Regional: Julival Fernandes Pereira

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Iris Rezende Machado

Ministro da Agricultura

Vice-Presidente: Roberto Fendt Júnior

Diretor da CACEX

Álvaro Fernandes da Cunha

Representante do Governo do Estado da Bahia

Gerles Gama

Representante do Governo do Estado do Espírito Santo

Orlantildes Péricles de Carvalho Filho

Presidente do Conselho Nacional dos Produtores de Cacau – CNPC

Araguacy Affonso Rego

Representante do Ministério da Indústria e do Comércio

José Geraldo Hosannah Cordeiro

Representante do Banco Central do Brasil

Aurélio Correa do Carmo

Representante do Governo do Estado do Pará

José Rodrigues do Prado

Representante do Governo do Estado de Rondônia

Jabes Souza Ribeiro

Representante da Associação dos Municípios da Região Cacaueira da Bahia

Humberto Salomão Mafuz

Representante dos Produtores de Cacau da Bahia

Albérico da Costa Brito

Representante dos Produtores de Cacau da Bahia

Hélio Bandeira Neves

Representante dos Produtores de Cacau da Bahia

Carlos Fernando Monteiro Lindenberg Filho

Representante dos Produtores de Cacau do Espírito Santo

Paulo Dias Morelli

Representante dos Produtores de Cacau do Pará

José Mendonça de Amorim Filho

Representante dos Produtores de Cacau de Rondônia

Paulo de Tarso Alvim Carneiro

Representante dos Empregados do Quadro Permanente da CEPLAC



**Percepção do trabalhador
rural a respeito do papel
da mulher e a importância
do trabalho doméstico
dentro das estratégias de
sobrevivência familiar no
município de Uruçuca,
Região Cacaueira
da Bahia**

NATÁLIA MARIA REIS GONÇALVES DE OLIVEIRA

Boletim Técnico 140

Centro de Pesquisas do Cacau
Rodovia Ilhéus—Itabuna, km 22
Bahia, Brasil
1986

BOLETIM TÉCNICO

Publicação de periodicidade irregular, editada pelo Centro de Pesquisas do Cacau (CEPEC), destinada à veiculação de artigos científicos e de divulgação técnica, relacionados com assuntos agrônômicos e sócio-econômicos de interesse das regiões produtoras de cacau, de autoria de pesquisadores e técnicos da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), e eventualmente de técnicos de outras instituições.

Chefe do CEPEC: João Manuel de Abreu

Chefes Adjuntos: Messias Gonzaga Pereira e Ebiezel Nascimento de Andrade Filho.

Comissão de Editoração: Jorge Octavio Alves Moreno, Coordenador; Antonio Henrique Mariano; Guillermo Enrique Smith Figueroa; Hilmar Ilton Santana Ferreira; José Luiz Bezerra; José Martins Correia de Sales; Lícia Margarida Gumes Lopes; Maria Bernadeth Machado Santana; Raul René Valle Meléndez; Rosane Freitas Schwan.

Editor: Jorge Octavio Alves Moreno

Diagramação e Montagem: Diana Lindo

Preço do exemplar: Cz \$ 20,00

Endereço:

BOLETIM TÉCNICO

CEPLAC/DIBID – Caixa Postal 7

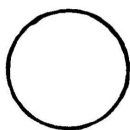
45600 Itabuna, BA

Boletim Técnico I

1970

**Ilhéus, Comissão Executiva do Plano
da Lavoura Cacaueira, 1970 –
22,5 cm**

**I. Cacau – Periódicos. I. Comissão Executiva do
Plano da Lavoura Cacaueira, ed.**



CDD 630.7405

PERCEPÇÃO DO TRABALHADOR RURAL A RESPEITO DO PAPEL DA MULHER E A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DOMÉSTICO DENTRO DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE URUÇUCA, REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA¹

Natália Maria Reis Gonçalves de Oliveira²

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi feito na tentativa de detectar em que nível está se dando a percepção, por parte do trabalhador rural, a respeito do papel da mulher e importância do trabalho doméstico nas estratégias de sobrevivência da família.

Para tal análise, é necessário que se tenha bem clara a forma como os elementos envolvidos no processo estão dispostos e são encarados, na e pela estrutura sócio-econômica e política vigentes.

Partindo do pressuposto que a realidade atual do país é historicamente determinada, faz-se necessária uma visão concretamente situada, no nosso objeto de estudo, como também das relações que lhe são comuns.

O trabalho doméstico, que pela macroeconomia vem sendo relegado ao mundo do “não trabalho” do não rentável e conseqüentemente sem valor, é, paradoxalmente, peça indispensável à manutenção e crescimento da economia formal, graças a uma característica especial que possui: “cria valor mas não está sujeito à lei do valor” (Neto, 1982). Ainda que o trabalho doméstico adquira valor na venda da força de trabalho, continua tratando-se de um trabalho privado, fora do domínio da lei do valor. Em outras palavras, apesar de não ter relação direta com o capital, contribui diretamente à criação de mercadoria chamada força de trabalho... e é isso que define o caráter específico do trabalho doméstico sob o modo de produção capitalista (Seccombe, 1975).

A relação da mulher com a economia se faz via homem, que passa, por isso, a ter maior autoridade na hierarquia familiar.

¹ Trabalho realizado por ocasião de estágio no CEPEC durante o mês de julho de 1985.

² Aluna do Curso de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

A mulher, ao manipular o salário, ou seja, ao transformá-lo através do seu trabalho nos serviços e bens necessários à **manutenção da família**, desenvolve o chamado trabalho doméstico que é vital à sobrevivência da mesma, coisa que o salário por si só não seria capaz de fazer.

Pretende-se através desse trabalho:

1. levantar hipóteses que possam ser testadas futuramente;
2. verificar, no meio rural, como vem sendo desempenhado o papel da mulher;
3. constatar em que nível está se dando a percepção do trabalhador rural a respeito do trabalho doméstico;
4. verificar o posicionamento do trabalhador rural frente ao trabalho feminino;
5. detectar em que posição hierárquica o homem e a mulher se encontram na estrutura familiar;
6. verificar, a nível ideológico, como se encontram favorecidos ou não, homem e mulher;
7. perceber a racionalidade do homem e da mulher a respeito da crescente utilização da mão-de-obra feminina;
8. cumprir uma exigência acadêmica.

METODOLOGIA

Teve-se como primeiro passo, para o norteamento do trabalho, um levantamento a respeito do que até então havia sido feito sobre o assunto (3 a 11 de julho).

Usou-se, para coleta de dados, um roteiro de entrevista (Anexo 1), que foi aplicado nas fazendas do município de Uruçuca, de acordo com a disponibilidade e programação dos agentes de extensão rural do Escritório Local da CEPLAC.

As entrevistas foram feitas com casais que residiam nas fazendas. Homem e mulher respondiam as mesmas perguntas, sendo que no intervalo entre uma e outra entrevista eles não deveriam se comunicar. Isso foi feito para que os mesmos não fossem influenciados um pelo outro, o que mascararia as respostas.

Na tentativa de vislumbrar tanto a posição masculina quanto a feminina a respeito do trabalho da mulher no lar e extra lar, foram feitas perguntas que se relacionavam entre si, no sentido em que uma resposta servia de confirmação indireta para a outra.

Foram entrevistados 16 casais, ou seja, um total de 32 pessoas, entre homens e mulheres.

Foi escolhido o município de Uruçuca, primeiro, pela maior facilidade de deslocamento até as fazendas e, segundo, pelo grande número de fazendas de médio e grande porte, pois são essas que têm condições de abrigar permanentemente o trabalhador e sua família.

As entrevistas foram feitas no período de 11 a 19 de julho. Neste período foram visitadas oito fazendas. Por ocasião das visitas, entrava-se em contato com o proprietário ou administrador da fazenda o qual facilitava o contato com o trabalhador rural e sua família.

A fase final do trabalho foi a tabulação e análise dos resultados, que foram executadas no período de 22 a 26 de julho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A porcentagem de famílias do tipo nuclear, ou seja, aquela integrada apenas por pais e filhos legítimos ou adotivos (Neto, 1982), atingiu a 100% do universo pesquisado.

Tomando-se apenas o número de filhos tem-se a situação descrita no Quadro 1, que se refere a todas as famílias pesquisadas e que tem como limite não conter o dado a respeito da idade dos casais.

Cerca de 71,15% das famílias têm sua prole limitada até 4 filhos, sendo que desagregando-se os dados ter-se-ia que as famílias com até três filhos perfazem um total de 62,50%. De um lado, poder-se-ia falar numa tendência a famílias menores, o que, aliás, pareceu ser meta para os casais mais novos. Porém, o fato de grande número de famílias ser constituído por casais mais novos, com filhos menores de cinco anos e com toda a possibilidade de geração de novos descendentes, impede que se afirme qualquer coisa a esse respeito, mesmo que 50% das mulheres e 68,75% dos homens tenham demonstrado satisfação com relação ao número atual de filhos (Quadro 2). Essa preferência, por um número menor de filhos, se dá muito mais pela insuficiência de recursos no sustento de uma família maior do que propriamente por não os querer, voluntariamente, ter.

Por outro lado, nas condições de vida e trabalho industrial, "mais filhos" não significa tão rapidamente, como no campo, "mais força para trabalhar", graças ao tempo gasto com a qualificação da mão-de-obra (Neto, 1982). Essa colocação, com relação ao campo, não pareceu justificar o interesse em maior número de filhos, já que apenas 25% das mulheres e 12,50% dos homens gostariam de ter mais filhos. Esse número menor de famílias com aspiração a maior número de filhos talvez se justifique pelo custo e demanda de trabalho que uma nova vida exige, pois não compensa, no momento, o que se vai lucrar no futuro.

Quadro 1 - Número de filhos por família.

Número de filhos por família	Famílias	
	Número absoluto	%
Sem filhos	-	-
1	5	31,25
2	2	12,50
3	3	18,75
4	3	18,75
5	-	-
6	-	-
7	2	12,50
8	1	6,25
Total	16	100

Destacando-se em primeiro lugar o fator idade, pode-se observar uma porcentagem significativa de crianças na faixa de 0 a 6 anos (36,47%).

Relacionando-se o número de crianças até dez anos (35) com o total de filhos das diferentes famílias (53) verifica-se que 66% dos filhos estão nessa faixa etária (Quadro 3). Sabe-se que é nessa faixa de idade que as meninas começam a desempenhar pequenas tarefas domésticas, data pois daí o início da socialização quanto à divisão sexual do trabalho, onde menina ajuda a mãe e menino ajuda o pai.

Do ponto de vista produtivo, o dado etário mais importante é o da faixa de 15 a 55 anos, principalmente o grupo masculino. A grande maioria dos chefes de família e donas de casa se encontram na faixa de 15 a 35 anos, o que equivale a 81% do número total (32 pessoas) (Quadro 3).

Os dados que dizem respeito ao sexo, isoladamente, não oferecem maiores análises, a não ser a de que há um equilíbrio relativo com ligeiro predomínio para as mulheres. Estas perfazem um total de 52%, enquanto os homens totalizam 48% desse mesmo total. Dentro do número total de mulheres, deve-se ressaltar que 34% estão na faixa etária de 15-25 anos e 34% na de 0-6, o

Quadro 2 - Aspirações masculinas e femininas com relação ao número de filhos de acordo com o tamanho da família.

Tamanho da Família	Preferência feminina e masculina quanto ao nº de filhos									
	Mulher			Homem			Total Absoluto		Total Relativo	
	Mais	Igual	Menos	Mais	Igual	Menos	M	H	M	H
3	4	1	-	2	3	-	5	5	31,25	31,25
4	-	2	-	-	2	-	2	2	12,50	12,50
5	-	3	-	-	2	1	3	3	18,75	18,75
6	-	2	1	-	2	1	3	3	18,75	18,75
9	-	-	2	-	1	1	2	2	12,50	12,50
10	-	-	1	-	1	-	1	1	6,25	6,25
Total absoluto	4	8	4	2	11	3	16	16	100	100
Total relativo	25	50,00	25,00	12,50	68,75	18,75				

Quadro 3 - Distribuição da população por idade/sexo/escolaridade.

Idade	Analfabetos		Primário Incompleto		Primário Completo		Ginásio		Magistério		Não se aplica		Subtotal		Total Geral	
	M.	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	ABS	Σ
0 - 6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16	15	16	15	31	36,47
7 - 10	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	4	4,7
10 - 15	-	-	5	5	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5	10	11,8
15 - 25	-	3	4	8	-	1	-	1	-	2	-	-	4	15	19	22,35
25 - 35	4	-	5	5	-	-	-	-	-	-	-	-	9	5	14	16,47
35 - 45	-	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	1	3	3,51
45 - 55	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	4	0	4	4,7
Subtotal	6	4	16	21	2	1	1	1	0	2	16	15	41	44	85	100
Total absoluto	10		37		3		2		2		31		85			
%	11,8		43,52		3,51		2,35		2,35		36,47		100			

M - Masculino

F - Feminino

que permite dizer que de um total de 44 mulheres, 15 são jovens e 15 são crianças (Quadro 3).

Os dados relativos à escolaridade apresentam alguns aspectos que merecem ser destacados. Em primeiro lugar, deve ser assinalado que na categoria do “primário incompleto” estão incluídos tanto aqueles que pararam de estudar no decorrer do curso como aqueles que ainda estão estudando. O mesmo ocorre na categoria “ginásio” (5a. a 8a. séries do 1º grau) (Quadro 3).

Verificou-se todo o esforço da família em não apenas evitar o analfabetismo, como também possibilitar aos seus membros concluírem pelo menos o “primário” (1ª a 4ª séries do 1º grau).

Em determinado momento, porém, manter o filho estudando passa a ser uma decisão difícil de ser tomada, já que, principalmente no meio rural, manter as duas atividades, trabalho e estudo, é quase que humanamente impossível. Essa decisão necessita ser tomada, normalmente, na faixa etária de 15 anos, que é quando se evidencia o êxodo escolar (Quadro 3).

Foi observado que 100% da população entrevistada parecem creditar à escola o poder mágico da promoção social. Eles, em suas respostas, sempre associavam uma maior escolarização a um nível superior de vida. Sabe-se no entanto que, provavelmente, a posição que ocupam na estrutura de classes obedece muito mais à lógica do capital do que a um grau de escolarização inferior, isoladamente. Quando perguntados a respeito do grau de instrução desejável para um e outro sexo, homens (81,25%) e mulheres (62,25%) revelaram, em sua grande maioria, achar a instrução igualitária entre os sexos o ideal, no entanto essa revelação não é sempre sinal de um abandono da imagem da feminilidade. Pode ser uma institucionalização reconhecida, necessária na evolução da vida moderna, em que a mulher é levada a desempenhar um papel novo e importante (Goldberg, 1975). O resultado obtido no meio rural foi justificado por 100% dos homens, pelo fato de acreditarem que o homem é biologicamente melhor preparado para o trabalho, e a mulher, o tão falado “sexo frágil”, exigiria um preparo intelectual se quisesse desenvolver alguma atividade rentável. Dentro dessa lógica de pensamento, seria de se esperar que os resultados indicassem maior grau de instrução para as mulheres, no entanto, somente 6,25% dos entrevistados (homens) revelaram tal opinião. Essa racionalidade pode existir na tentativa de encobrir uma atitude discriminatória que é facilmente percebida quando no confronto da opinião direta e da justificativa da mesma (Quadro 4).

Dentro de uma análise do papel da mulher enquanto produtora de bens e serviços e reprodutora da força de trabalho, constata-se que as atividades femininas, embora gerem muitas vezes não são consideradas como trabalho pro-

Quadro 4 - Ocupações do grupo feminino assalariado.

Especificação	Frequência Absoluta	%
Vende Confeções	1	14,26
Atividades Agrícolas:		
1. Coroadora de cacau	-	-
2. Embandeiradora de cacau	6	85,74
3. Colhedora de cacau	-	-
4. Trabalhadora de enxada	-	-
5. Barcaceira	-	-
Total	7	100

utivo e essa situação se agrava no meio rural. É justamente aí que se torna mais nítida a discriminação entre os trabalhos da mulher e o do homem. Nos depoimentos, verificou-se, com frequência significativa, a idéia da função suplementar do salário feminino. Nos casos em que as mulheres trabalhavam fora, os respectivos maridos faziam questão de dizer que o salário delas se dirigia apenas à compra de objetos de vestuário para as mesmas e filhos, e que o dinheiro usado para as despesas de maior importância era do marido. Esse preconceito em relação ao sexo feminino nada mais é do que mais um, entre tantos outros que compõem a avalanche ideológica que pretende que a mulher fique eternamente desligada no mundo economicamente produtivo, e se eventualmente essa ligação se estabelecer, que ocorra via homem, ou pelo menos a ele subordinada, garantindo assim o atual estado das coisas.

A presença da mulher rural brasileira nas atividades econômicas organizadas sob moldes capitalistas é bastante reduzida, e esse fato se explica, pois mesmo quando a mulher é incorporada ao mercado de trabalho produtivo, ela o faz como extensão do doméstico (costurando, lavando, passando a ferro, etc...) ou como um "exército de reservas" que é acionado segundo conveniências políticas e econômicas (por exemplo, barateamento do custo de produção).

Existe todo um aparato legal que trata de reforçar uma estrutura que elege a mulher a uma condição de submissão e marginalidade (Neto, 1982). A ela

são pagos menores salários pelos mesmos serviços que são desempenhados pelos homens com remuneração maior. Além dessas, há uma série de outras questões que passam muitas das vezes da mera divisão sexual do trabalho a uma situação mais complexa, quando a elas associa-se a questão das lutas de classes.

Revela-se que a sociedade conserva como femininos os papéis e trabalho domésticos, que as mulheres são ostensivamente, ou não, desencorajadas pela família, especialmente pelos membros masculinos. Pela valorização do papel doméstico da mulher a sociedade utiliza o seu trabalho sem pagá-la e conserva-a ideologicamente fora do mercado de trabalho (Blay, 1975). Existe uma série de veículos através dos quais ideologias valorativas do trabalho doméstico da mulher dão conta de remunerar psicologicamente este não trabalho.

Da população entrevistada (homens e mulheres), 100% revelaram que a responsabilidade com as tarefas domésticas eram atividades obrigatoriamente desempenhadas pelas mulheres, sendo obrigação da esposa e que poderia ser eventualmente ajudada pelas filhas, ou em caso de completa impossibilidade da esposa, ser assumida por outra pessoa com igual responsabilidade (sogra, vizinha mais próxima ou filha mais velha) (Quadro 5).

Dentro do universo de mulheres entrevistadas apenas 31,25% trabalham, sendo que 4 em atividades agrícolas e 1 na venda de confecções a domicílio (Quadro 6). É interessante ressaltar que embora fosse mais lógica uma liberação maior da mão-de-obra feminina durante a fase do ciclo familiar chamada “desenvolvimento” (Esquema 2), face à maior independência dos filhos com relação à mãe (Quadro 7 e Esquema 2), os resultados não pareceram corresponder a essa lógica já que o número de mulheres trabalhando e que estão nesta fase perfazem um total de apenas 6,25% das mulheres economicamente ativas. No entanto, as percentagens de participação maior do trabalho produtivo da mulher, se concentra igualmente na primeira e terceira fases do ciclo familiar, ou seja, nas fases de “expansão” e “contração,” respectivamente (Quadro 7 e Esquemas 1 e 3).

Com relação ao grupo masculino encontrou-se toda a população entrevistada desenvolvendo atividades rentáveis (Quadro 8).

Quando perguntados a respeito do trabalho feminino em situações familiares diferentes, homens e mulheres revelaram suas opiniões que refletem indiretamente as pressões sociais a que estão submetidos.

A aprovação ao trabalho da mulher solteira é quase unânime: 93,75% dos homens e 100% das mulheres acham que a mulher solteira deve trabalhar (Quadro 9).

Quadro 5 - Divisão das tarefas domésticas entre os elementos da família.

Tamanho do grupo familiar	Elementos que desenvolvem a atividade doméstica				
	Mãe	Mãe/Filho	Mãe/Pai	Total Absoluto	Total Relativo
3	5	-	-	5	31,25
4	2	-	-	2	12,50
5	2	1	-	3	18,75
6	2	1	-	3	18,25
9	1	1	-	2	12,50
20	-	1	-	1	6,25
Total absoluto	12	4	0	16	100
Total relativo(%)	75,0	25,0	0,0	100	

Quadro 6 - Ocupações do grupo feminino assalariado.

Especificação	Frequência Absoluta	%
Vende Confeccões	1	14,26
Atividades Agrícolas:		
1. Coroadora de cacau	-	-
2. Embandeiradora de cacau	6	85,74
3. Colheita de cacau	-	-
4. Trabalhadora de enxada	-	-
5. Barcaceira	-	-
Total	7	100

Mulheres solteiras e viúvas tiveram a mesma aprovação desde que estas últimas não tenham filhos. Mas se os tiverem a aprovação será menor (Quadro 10).

Essa porcentagem, tanto na opinião de homens quanto na de mulheres, decresce quando se trata de mulher casada, passando a porcentagem de aprovação masculina para 62,50% e a feminina para 81,25% (Quadro 11). Isso prova que o casamento é considerado suficiente para afastá-la do trabalho fora do lar.

Na opinião de 93,75% dos homens e 75,00% das mulheres, a mulher casada com filhos pequenos não deve trabalhar fora, e isso significa dizer que a presença de filhos na família condiciona o afastamento da mulher do mundo do trabalho rentável (Quadros 12 e 13).

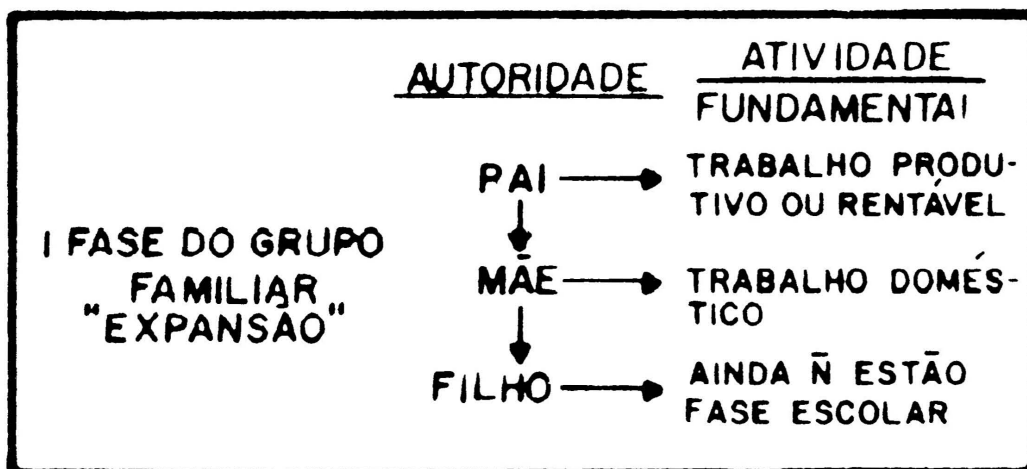
Quanto ao trabalho da mulher viúva, com filho, houve um certo equilíbrio entre as opiniões masculina e feminina, sendo que 56,25% dos homens acham que ela deve trabalhar só se os filhos forem pequenos, e se forem grandes eles é quem devem fazê-lo, já entre as mulheres, independente dos filhos serem grandes ou pequenos, 62,50%, acham que ela deve trabalhar fora (Quadro 14).

Foram criadas situações envolvendo o trabalho da mulher em que os entrevistados eram convidados a opinar sem que fossem necessário qualquer outro tipo de envolvimento, porém, na tentativa de envolver o entrevistado na problemática em questão forçando-o assim a um posicionamento pessoal, foi feita uma pergunta que envolvia um elemento da família numa das situações que fora criada anteriormente de uma forma genérica, que era a seguinte:

Quadro 7 - Trabalho rentável da mulher relacionado às três fases do ciclo de vida da família.

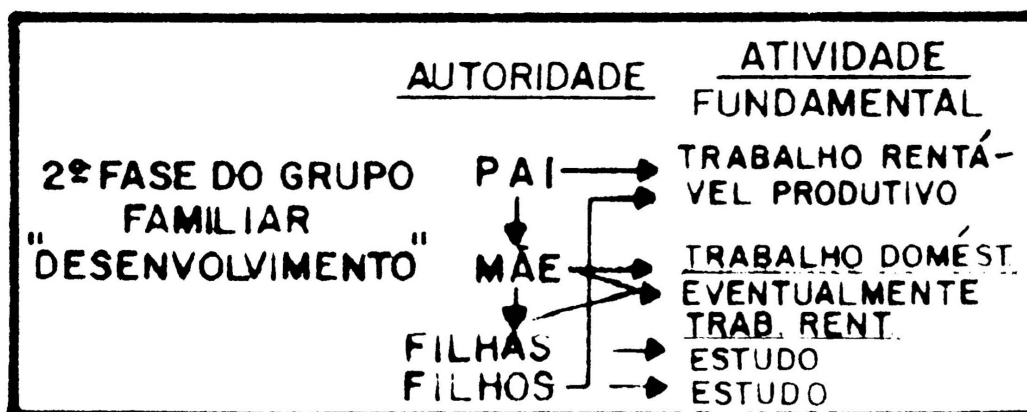
Tamanho do grupo familiar	Fases do ciclo de vida da família						Total absoluto	Total relativo
	Expansão		Desenvolvimento		Contração			
	Trabalha	Não trabalha	Trabalha	Não trabalha	Trabalha	Não trabalha		
3	1	4	-	-	-	-	5	31,25
4	-	2	-	-	-	-	2	12,50
5	-	1	-	1	1	-	3	18,75
6	1	1	1	-	-	-	3	18,75
9	-	-	-	-	1	1	2	12,50
10	-	-	-	-	-	1	1	6,25
Total absoluto	2	8	1	1	2	2	16	100
Total relativo	12,50	50,00	6,25	6,25	12,50	12,50	100	

1º ESQUEMA



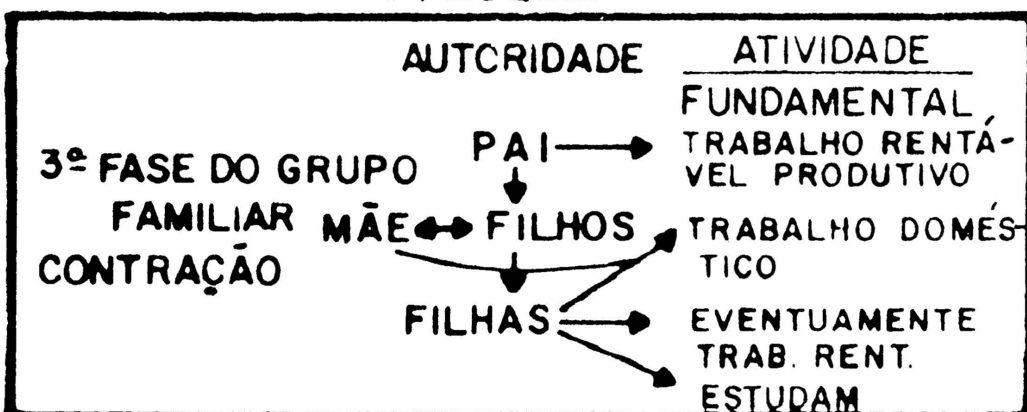
OBS.: 10 FAMÍLIAS SE ENCONTRAM NESTA FASE, OU SEJA, 62,50% DAS FAMÍLIAS

2º ESQUEMA



OBS.: 3 FAMÍLIAS SE ENCONTRAM NESTA FASE, OU SEJA, 18,75%

3º ESQUEMA



OBS.: AUTORIDADE DE MÃE E FILHOS QUE TRABALHAM SE IGUALAM 4 FAMÍLIAS SE ENCONTRAM NESTA FASE, OU SEJA, 18,75%

Quadro 8 - Número de pessoas trabalhando por tamanho de família.

Número de pessoas por família	Número de pessoas trabalhando					Total absoluto	Total relativo
	1	2	3	4			
3	3	2	-	-		5	31,25
4	2	-	-	-		2	12,50
5	2	-	-	1		3	18,75
6	1	2	-	-		3	18,75
9	-	1	-	1		2	12,50
10	-	1	-	-		1	6,25
Total absoluto	8	6	-	2		16	100
Total relativo	50,00	37,50	-	12,50		100	

Quadro 9 - Índice de aprovação ao trabalho da mulher solteira.

Respostas	Homem		Mulher	
	N	%	N	%
Sim	15	93,75	16	100
Não	1	6,25	-	-
Total (100%)	16	100	16	100

N = Número absoluto.

Quadro 10 - Índice de aprovação ao trabalho da mulher solteira e viúva sem filhos.

Respostas	Homem		Mulher	
	N	%	N	%
Sim	10	62,50	13	81,25
Não	6	37,50	3	18,75
Total (100%)	16	100	16	100

N = Número absoluto.

Quadro 11 - Índice de aprovação ao trabalho da mulher casada sem filhos.

Respostas	Homem		Mulher	
	N	%	N	%
Sim	10	62,50	13	81,25
Não	6	37,50	3	18,75
Total (100%)	16	100	16	100

N = Número absoluto.

Quadro 12 - Índice de aprovação ao trabalho da mulher com filhos pequenos.

Respostas	Homem		Mulher	
	N	%	N	%
Sim	1	6,25	4	25,00
Não	15	93,75	12	75,00
Total (100%)	16	100	16	100

N = Número absoluto.

Quadro 13 - Índice de aprovação ao trabalho da mulher com filhos grandes.

Respostas	Homem		Mulher	
	N	%	N	%
Sim	11	68,75	11	68,75
Não	5	31,25	5	31,25
Total(100%)	16	100	16	100

N = Número absoluto.

Quadro 14 - Índice de aprovação ao trabalho da mulher viúva com filhos.

Respostas	Homem		Mulher	
	N	%	N	%
Sim	9	56,25	10	62,50
Não	7	43,75	6	37,50
Total (100%)	16	100	16	100

N = Número absoluto.

“Você gostaria que sua filha trabalhasse fora depois de casada? Por que?”

Todos os homens que responderam positivamente a questão (43,81%) justificaram sua resposta dizendo que: deveria trabalhar para ajudar o marido.

Do total de mulheres que gostariam que a filha trabalhasse fora (75%), 31,25% acharam que o trabalho feminino só se justificaria em ajuda ao marido, e apenas 6,25% acharam que o motivo deveria ser a independência financeira do marido (Quadro 15).

Pode-se observar, através da comparação dos resultados apresentados nos Quadros 11 e 15, que envolvendo-se algum elemento da família à situação perguntada, valores tradicionalistas parecem emergir, tornando desse modo mais difícil a aceitação do trabalho feminino.

A divisão das responsabilidades em decisões familiares é sentida em alguns aspectos de maneira diferente pelo homem e a mulher. Parece prevalecer o estilo de vida familiar com o homem mais como provedor, omitindo-se na maioria das decisões importantes principalmente em relação à educação e cuidados com os filhos, já que essas tarefas se encontram na órbita do doméstico, cabendo pois à mulher dar-lhes solução (Quadros 16 e 17). É interessante, no entanto, perceber a naturalização ocorrida com os papéis masculino e feminino, já que agora eles parecem ter adquirido uma determinância quase que biológica, ou seja, a mulher é biologicamente preparada para conceber e portanto cabe a ela cuidar da manutenção e educação dos filhos, cabendo-lhe o lar como lugar, ao passo que ao homem foi reservado o “mundo do trabalho”, graças a sua “pretensa habilidade e capacidade superior”, cabendo-lhe o papel de “provedor”, como reza o Código Civil Brasileiro.

A mulher é quem vem transmitindo, através da educação das crianças, esses mesmos valores que hoje a coloca nessa condição de marginalidade ao sistema econômico, porém é também graças a ela que se tem conseguido mudanças de atitude e comportamento indispensáveis à adaptação ao mundo moderno.

Homem e mulher, quando perguntados a respeito dos possíveis motivos que têm levado a mulher a trabalhar fora de casa, citaram três motivos principais que estão intimamente relacionados entre si, pois se eles alegam que é porque o custo de vida está elevado; eles? assim o percebem principalmente em relação ao poder de compra do salário do marido. E quando alegam ser necessário à sobrevivência da família, isso se dá em função da insuficiência do salário do marido. De uma maneira geral, parece correto dizer que, de forma direta ou indireta, 100% da população percebem a insuficiência do salário masculino como causa primeira do trabalho da mulher casada fora de casa (Figura 1).

Quadro 15 - Motivo de desejo ou recusa da atividade de trabalho da filha casada, enquanto opção futura, de acordo com opinião dos pais.

Categorias	N		%	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
I. MOTIVOS DE DESEJO				
1. Ajudar marido no orçamento doméstico	7	5	43,81	31,25
2. Só se houver necessidade econômica	-	2	-	12,50
3. Não ficar em casa o tempo todo	-	1	-	6,25
4. Ter uma condição de vida melhor	-	3	-	18,75
5. Independência financeira do marido	-	1	-	6,25
Subtotal	7	12	43,81	75,00
II. MOTIVOS DE RECUSA				
1. Lugar de mulher é dentro de casa	7	3	43,81	18,75
2. É obrigação do marido sustentar a mulher	2	1	12,50	25,00
Subtotal	9	4	56,21	25,00

Quadro 16 - Divisão de responsabilidades em decisões familiares segundo os homens entrevistados.

Decisões	Homem		Mulher		Ambos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Alimentação	5	31,25	9	56,25	2	12,50	16	100
2. Morada	1	6,25	15	93,75	-	-	16	100
3. Escola dos filhos	6	37,50	9	56,25	1	6,25	16	100
4. Disciplina e educação dos filhos	2	12,50	6	37,50	8	50,00	16	100
5. Guardar dinheiro	11	68,75	2	12,50	3	18,75	16	100
6. Fazer compras	7	43,75	7	43,75	2	12,50	16	100
7. Assistência médica à família	4	25,00	9	56,25	3	18,75	16	100
8. Problemas com os vizinhos	12	75,00	2	12,50	2	12,50	16	100
9. Conflito entre os filhos	8	50,00	3	18,75	5	31,25	16	100

Quadro 17 - Divisão de responsabilidades em decisões familiares segundo as mulheres entrevistadas.

Decisões	Homem		Mulher		Ambos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Alimentação	5	31,25	11	68,75	-	-	16	100
2. Moradia	1	6,25	14	87,50	-	-	16	100
3. Escola dos filhos	3	18,75	9	56,25	4	25,00	16	100
4. Disciplina e educação dos filhos	-	-	14	87,50	2	12,50	16	100
5. Guardar dinheiro	6	37,50	6	37,50	4	25,00	16	100
6. Fazer compras	5	31,25	5	37,50	4	25,00	16	100
7. Assistência médica a família	2	12,50	13	81,25	1	6,25	16	100
8. Problemas com vizinhos	2	12,50	10	62,50	4	25,00	16	100
9. Conflitos entre os filhos	2	12,50	11	68,75	3	18,75	16	100

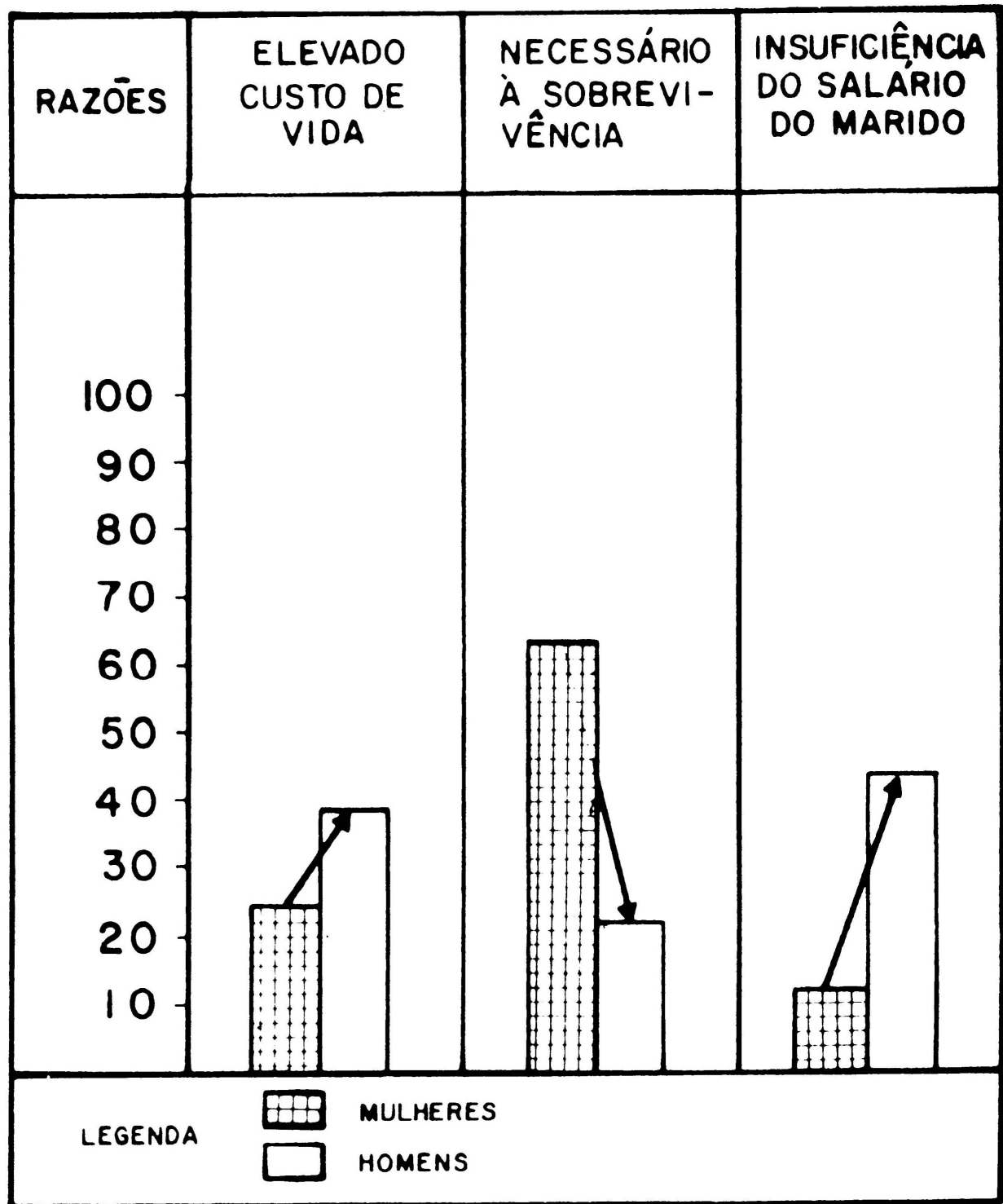


Figura 1. Principais razões que levam a mulher a trabalhar, segundo o homem e a mulher rurais.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES

Sabe-se que na base da família e da posição dos sexos estão as transformações econômico-políticas e sociais e vice-versa. É o modo de produção e a divisão do trabalho que se estabelece entre os sexos que vão influir sobre as posições sociais ocupadas pelo homem e pela mulher.

O trabalho doméstico aparece como uma atividade desprovida de valor, pois não se encontra diretamente vinculada à produção e é não remunerada.

A visão do trabalhador rural, a respeito do papel da mulher e do seu engajamento ao mundo do trabalho, não parece diferir muito da visão que a própria mulher tem a respeito do seu trabalho e do seu papel. Isso nada mais é que o resultado de uma rede intrincada de ideologias dominantes que existem no sentido de manter as coisas como estão num clima de “naturalidade”, de forma que não mais suscitem questionamento. O trabalhador rural vê o trabalho doméstico como uma tarefa obrigatoriamente feminina que impossibilita a mulher de colaborar através do seu trabalho fora de casa para a economia familiar. Segundo ele, o trabalho extra-lar da mulher só deve aparecer em caso de insuficiência do salário do marido, sendo pouco desejável já que é sinal de incapacidade do marido no sustento familiar.

Hierarquicamente, o homem, graças ao seu papel de “provedor”, parece ocupar o lugar de mais alto grau de autoridade, cabendo à mulher autoridade apenas sobre os filhos.

Seria necessário um trabalho de maior contato do entrevistador com a unidade de análise, pois assim se conseguiria captar com maior riqueza de detalhes a realidade.

Embora seja de extrema importância a escolha do encaminhamento metodológico, este elemento esteve sujeito, durante todo o trabalho, a entraves de natureza econômica e temporal que agiram de forma determinante sobre as possibilidades de desenvolvimento da pesquisa.

Seriam de extrema importância estudos que se preocupassem com o trabalhador, não somente no que diz respeito à produtividade pura e simples mas, principalmente, a partir das suas relações no meio familiar como também da importância de cada membro dentro das estratégias de sobrevivência da família, que vão da ajuda mútua entre vizinhos à produção caseira. Deve-se também promover estudos no sentido de conhecer um pouco mais do trabalho da mulher no meio rural, principalmente buscando perceber a utilidade do seu papel de educadora a fim de subsidiar os agentes de extensão quando na tentativa de promover mudanças de comportamento e atitudes que visem a elevação do nível de vida da família rural.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Divisão de Socioeconomia na pessoa de seu Chefe, Dr. José Alexandre de Souza Menezes, pela oportunidade do estágio concedido. Agradece, também, a todo o corpo técnico e auxiliar desta Divisão pela amabilidade e atenção dispensadas durante todo o período do estágio.

Os agradecimentos se estendem a todo o pessoal da EMARC (Uruçuca) e Escritório Local (CEPLAC-Uruçuca), que por ocasião da fase de coleta de dados não mediram esforços no sentido do sucesso desse trabalho. E como não poderia deixar de ser, especial agradecimento a Alex-Alan Furtado de Almeida, que com o seu apoio colaborou bastante para a execução da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- BLAY, E.A. 1975. Ideologia do trabalho feminino. Caderno de Pesquisa nº 15, Fundação Carlos Chagas, São Paulo. 1975.
- FAUSTO NETO, A.M.Q. 1982. Família operária e reprodução da força de trabalho. Petrópolis, R.J. Brasil. Vozes 211p.
- GOLBERG, M.A.A. et al. 1975. Concepções sobre o papel da mulher, no trabalho, na política e na família. Caderno de Pesquisa, nº 15, Fundação Carlos Chagas. São Paulo. 1975.
- SECCOMBE, W. 1975. El trabajo doméstico en el modo de producción capitalista en el ama de casa bajo el capitalismo. Barcelona, España, Anagrama. s.p.

ANEXO 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA

TEMPO DE ENTREVISTA

Data _____

Município _____ Distrito _____

Sítio _____ Fazenda _____

ENTREVISTA

ENTREVISTADORA:

DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

Nome do Entrevistado:

Idade:

Profissão:

Estado Civil:

Número de Filhos:

Sexo:

Idade:

Tempo de Casamento:

Grau de escolaridade:

Origem:

Endereço:

Salário:

1. Quantos e quais elementos trabalham fora?

Qual a atividade desempenhada?

R:

2. O que você acha do trabalho da mulher fora de casa nos seguintes casos:

a) mulher solteira () Deve () Não deve

b) mulher casada sem filho () Deve () Não deve

c) mulher casada com filho pequeno () Deve () Não deve

d) mulher viúva sem filhos () Deve () Não deve

e) mulher viúva com filhos () Deve () Não deve

3. Se sua filha fosse se casar, gostaria que depois de casada trabalhasse fora? Por que?

R:

4. Gostaria de ter tido mais, igual ou menos filhos ? Por que ?

R:

5. Quantas pessoas na família estão estudando ?
R:
6. É importante para você manter o seu filho na escola ? Por que ?
R:
7. Você acha que homem e mulher precisam de um mesmo grau de instrução ? Por que ?
R:
8. Como é feita a divisão das tarefas domésticas ? Quem faz, o que ?
R:
9. Quem é responsável em sua casa pelas decisões a respeito de :
- | | | |
|--|---------|-----------|
| A - Alimentação | () ele | () ela |
| B - Moradia | () ele | () ela |
| C - Escola dos filhos | () ele | () ela |
| D - Disciplina e educação das crianças | () ele | () ela |
| E - Guardar dinheiro | () ele | (•) ela |
| F - Fazer compras | () ele | () ela |
| G - Assistência médica aos familiares | () ele | () ela |
| H - Problemas que possam surgir | () ele | () ela |
| I - Conflito entre os filhos | () ele | () ela |
10. De quem é a “última palavra” em assuntos de maior importância para a família ?
R:
11. Em caso de impossibilidade da mulher na execução do trabalho doméstico, quem o fará?
R:
12. Como você classificaria o trabalho doméstico ?
- | | |
|------------------------------|-------------------|
| () fácil | () muito fácil |
| () difícil | () muito difícil |
| () nem fácil e nem difícil. | |

13. Quais as tarefas que você considera pertencentes às tarefas do grupo doméstico ?

R:

14. Qual é para você o principal motivo pelo qual as mulheres trabalham fora ?

R:

OBSERVAÇÕES:

INFORMAÇÕES AOS COLABORADORES

1. Serão aceitos para publicação artigos científicos e de divulgação técnica, relacionados com assuntos agrônômicos e sócio-econômicos de interesse das regiões produtoras de cacau.

2. São da exclusiva responsabilidade dos autores as opiniões e conceitos emitidos nos trabalhos. Contudo, a Comissão Editorial reserva-se o direito de sugerir ou solicitar modificações aconselháveis ou necessárias.

3. Os trabalhos deverão ser encaminhados em 3 vias (original e duas cópias) datilografadas em uma só face do papel em espaço duplo e com margens de 2,5 cm. O texto deverá ser escrito corridamente, sem intercalações de figuras e quadros, que feitos em folhas separadas, devem ser anexados ao final do trabalho, acompanhados das respectivas legendas.

4. As figuras (gráficos, desenhos, mapas ou fotografias) não deverão ultrapassar a medida de 18 x 20 cm. Os gráficos e os desenhos serão feitos com tinta nanquim em papel vegetal, as fotografias, somente aceitas em preto e branco, serão copiadas em papel brilhante com bom contraste, os mapas serão confeccionados no tamanho máximo de 40 x 50 cm e em escala adequada a receberem redução para 11,5 x 18 cm, espaço máximo a ser ocupado pela mancha da página.

5. Os quadros deverão ser explicativos por si mesmos, podendo ser datilografados em papel deitado no tamanho máximo de folha ofício.

6. Deverá ser evitada a duplicidade de apresentação de dados, isto é, a apresentação simultânea em gráficos e quadros, cabendo ao(s) autor(es) optar(em) por uma delas.

7. Os trabalhos de pesquisas deverão ser organizados seguindo o estilo científico: Título, Resumo, Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão (ou a combinação dos dois últimos), Conclusões, Agradecimentos (quando for o caso) e Referências.

8. Aos trabalhos descritivos e monografias será reconhecida liberdade de estilo. Neste caso, contudo, o editor permite-se, quando necessário, proceder alterações para sanar falhas de estilo e especialmente evitar ambigüidades, consultando os autores em caso de dúvida. Qualquer que seja a forma de apresentação é indispensável a preparação de breve resumo do conteúdo do trabalho e sua tradução para o idioma inglês, a fim de compor o Abstract. Não se aceitam citações bibliográficas em notas de rodapé.

9. Deverão constar na primeira página, em chamada de rodapé, a qualificação profissional e endereço do(s) autor(es).

10. As citações bibliográficas no texto deverão ser feitas pelo sistema autor-ano. A Literatura Citada obedecerá a ordem alfabética dos nomes dos autores. Trabalhos de um mesmo autor serão citados na ordem cronológica das datas em que foram publicados, e quando do mesmo ano serão distinguidos acrescentando-se letras minúsculas ao número indicativo do ano (a, b, c etc.). Trabalhos até de três autores serão citados pelos nomes de todos, e de quatro ou mais, pelo nome do primeiro, seguido de et al., e o ano.

